

PESQUISAS BIOGRÁFICAS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
BIOGRAPHICAL RESEARCH IN EDUCATION HISTORY
INVESTIGACIONES BIOGRÁFICAS EN LA HISTORIA DE LA EDUCACIÓN

Lia Machado Fiuza Fialho¹
Francisca Mayane Benvindo dos Santos²
José Albio Moreira de Sales³

RESUMO

Objetivou-se desvelar como emerge o interesse de pesquisadores por estudos biográficos e como estes se desenvolvem no campo da História da Educação, abordando as possibilidades e desafios vivenciados por cientistas que escreveram biografias de educadoras cearenses. Realizou-se um estudo qualitativo que utilizou a metodologia da História Oral Temática. Este contou com a participação de três professores pós-doutores com experiência em pesquisas biográficas no campo da História da Educação, os quais colaboraram por meio de entrevistas em História Oral. Os resultados apontaram que a aproximação com a biografia é despertada por leituras biográficas e a viabilidade das pesquisas biográficas, ainda que enfrentem o desafios - localizar os sujeitos a serem biografados, encontrar documentos preservados e conseguir sensibilizar as pessoas para colaborarem com relatos orais -, e possibilidades - motivação pessoal, conhecimento de outras narrativas historiográficas, ampliação de aprendizagens e de saberes diversos contemplando os estudos empreendidos para interpretar a vida do outro, ressignificação de contextos históricos e da própria vida e crescimento profissional e pessoal.

Palavras-chave: Pesquisa biográfica. História Oral. História da Educação.

ABSTRACT

The objective was to unveil how researchers' interest in biographical studies emerges and how they develop in the field of the History of Education, addressing the possibilities and challenges experienced by scientists who wrote biographies of educators from Ceará. A qualitative study was carried out, using the Oral History methodology. It counted with the participation of three post-doctoral professors with experience in biographical research in the field of the History of Education, who collaborated through Oral History interviews. The results showed that the approximation with the biography is aroused by biographical readings and the viability of biographical research, although they face the challenge of overcoming some difficulties - finding subjects to be biographed, finding preserved documents and sensitizing people to collaborate with oral reports -, and possibilities - as they enable personal motivation, knowledge of other historiographic narratives, expansion of learning and diverse knowledge, contemplating the studies undertaken to interpret the life of the other, re-signification of historical contexts and of life itself, as well as professional and personal growth.

Keywords: Biographical research. Oral History. History of Education.

RESUMEN

Se objetivó revelar cómo surge el interés de los investigadores en los estudios biográficos y cómo estos se desarrollan en el campo de la Historia de la Educación, abordando las posibilidades y desafíos experimentados por los científicos que escribieron biografías de educadores cearenses. Se realizó un estudio cualitativo que utilizó la metodología de la Historia Oral Temática. Este contó con la participación de tres profesores post-doctores con experiencia en investigaciones biográficas en el campo de la Historia de la Educación, los cuales colaboraron por medio de entrevistas en Historia Oral. Los resultados mostraron que el enfoque con la biografía se despierta por las lecturas biográficas y la viabilidad de la investigación biográfica, aunque enfrenten el reto de la superación de algunas dificultades: localizar a los sujetos a ser biografiados, encontrar documentos preservados y lograr sensibilizar a las personas para colaborar con

¹ Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza – CE, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0393-9892>. E-mail: lia_fialho@yahoo.com.br.

² Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza – CE, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4923-3759>. E-mail: mayanebenvindo@yahoo.com.br.

³ Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza – CE, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2521-6364>. E-mail: albiosales@gmail.com.

relatos orales -, y posibilidades - motivación personal, conocimiento de otras narrativas historiográficas, ampliación de aprendizajes y saberes diversos contemplando los estudios emprendidos para interpretar la vida del otro, resignificación de contextos históricos y de la propia vida, además de crecimiento profesional y personal.

Palabras clave: Investigación biográfica. Historia Oral. Historia de la Educación.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é oriundo do diálogo duas áreas distintas e coextensivas, a História e a Educação, por situar-se no campo da História da Educação (VASCONCELOS; FIALHO; MACHADO, 2017). Trata especialmente do que concerne ao uso das biografias para reconstituição da História e Memória educacional, ao desvelar e problematizar pesquisas empreendidas ao longo dos tempos por professores que trabalham com estudos biográficos.

Ante ao entendimento de que a História não é apenas um produto da natureza, pois é constituída pela ação de sujeitos autônomos, que determinam as reações, consciente ou inconscientemente, mesmo ante as influências conjunturais, e de que a biografia exprime meios de problematizar o coletivo pelo individual (FIALHO; MACHADO; SALES, 2014), importa refletir o uso das pesquisas biográficas para fomentar a compreensão acerca da História da Educação.

Diante disso, cabe elucidar sucintamente algumas mudanças na compreensão de História ao longo dos tempos que ensejaram credibilidade às pesquisas científicas biográficas no campo da História da Educação. No fim do século XVIII, o historiador, geralmente membro da Igreja ou da nobreza, possuía a atribuição de decifrar documentos oficiais de maneira objetiva, mantendo um distanciamento dos problemas do presente (LE GOFF, 2003), e a História se relacionava à escrita de um passado distante, que não permitia a existência de testemunhas vivas, desde a mera descrição, resultando na radical separação entre passado e presente e na utilização de procedimentos eruditos do método histórico (FEBVRE, 2011). No decorrer do século XIX, críticas foram tecidas quanto à ilusão de o recuo no tempo assegurar objetividade e à convicção de que somente os documentos oficiais eram válidos e “verdadeiros”, especialmente com a disseminação dos ideais da Escola de *Annales*⁴, que lançaram visibilidade aos aspectos econômicos e sociais no debate histórico (DOSSE, 2009). No início do século XX, o campo da História vivenciou a emergência de novos objetos, abordagens e problemas ao alargar o conceito de fonte histórica – pinturas, diários, cartas, fotografias, objetos, filmes, móveis, roupas, depoimentos, músicas, etc. –, influenciando as produções historiográficas (LE GOFF; NORA, 1988) e lançando visibilidade à proficuidade da História do presente (FERREIRA, 2000) e de estudos microssociais na interface indissociável com o macrossocial (LORIGA, 2011), como é o caso dos estudos biográficos (FIALHO; CARVALHO, 2017).

Há razoável convergência entre os historiadores do século XXI em não conceber o fato histórico como um objeto dado e acabado, bem como o documento como material bruto e objetivo (CERTEAU, 1992). O primeiro resulta da elaboração por parte do historiador e o segundo é monumento – abrange palavras e gestos. A História como mero enredo é desmistificada, emergindo a História dinâmica e transformadora, na qual se mesclam relato e explicação (CHARTIER, 2010). Nessa seara, a biografia se insere na superfície da História fatural, que se inscreve no tempo curto, do presente, e da Micro-História, que entende o passado indissociável do presente como objeto da História (BURKE, 2010). Para reinterpretá-la, a memória vai se configurar como elemento essencial, porque tem como propriedade conservar as informações produzidas pelos sujeitos históricos (BURKE, 2011). Com efeito, cabe ativar e democratizar a memória individual e coletiva com “objetividade científica” (LE GOFF, 2003), para que, reescrevendo os fatos, seja

⁴ A Escola de *Annales*, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929, ao se propor a ultrapassar a visão positivista de História, renovou e ampliou as pesquisas historiográficas ao romper com a compartimentação das Ciências Sociais e alargar o campo da História para o estudo de atividades humanas privilegiando os métodos pluridisciplinares.

possibilitado um aumento da parcela da potência do homem, e não a submissão a outra vontade de poder (NIETZSCHE, 1979).

Sabe-se que a biografia, por excelência, pode recorrer ao exercício da rememoração e verbalização de acontecimentos pessoais. Neste caso, por sua vez, caracteriza-se por lembranças e esquecimentos naturais ou propositais, contados – muitas vezes, de maneira narrativa – ao interlocutor (ALBERTI, 2003). Por intermédio da memória induzida, no entanto, os atos de lembrar e contar dos educadores possibilitam descrever e elaborar um quadro narrativo com suporte no extenso universo de lembranças relatadas mediante a oralidade (MONTENEGRO, 2007), por meio das quais afloram outras versões da História da Educação, mais subjetivas, ricas em detalhes e potencializadoras de registro de informações sobre as práticas educativas, a cultura escolar e demais nuances que desvelam a formação dos professores, suas práticas e representações.

A História da humanidade por muito tempo caracterizou-se por utilizar as biografias para evidenciar os fatos na perspectiva do poder, elegendo “heróis” e seus feitos; a voz da grande massa social permaneceu esquecida e inoperante (THOMPSON, 1992). No cenário atual, o pesquisador em História da Educação já não se contenta com a mera cópia ou reescrita dos documentos pelos manipuladores da memória, importa-se com o que ficou nas entrelinhas, para dar visão pública aos sujeitos esquecidos ou silenciados e então, hermeneuticamente reconstituir o contexto socioeducacional desde a história de vida das pessoas.

A pesquisa se justifica por possibilitar trazer à baila a biografia por intermédio da metodologia da História oral se configura como uma oportunidade de refletir acerca de acontecimentos e fatos pertinentes à História da Educação que já não se podem mais esconder, subtrair ou relegar aos porões das memórias; é visitar uma História presente, viva, por vezes desconhecida, mas não menos importante do que tantas outras veiculadas como História oficial (FIALHO; CARVALHO, 2017). Possibilita-se, assim, que venham à tona sentimentos, informações e narrações, transpondo aqueles divulgados na mídia e nos documentos oficiais, fazendo emergir outras perspectivas e novas percepções, ao tempo que se realiza uma análise mais aprofundada (AMADO; FERREIRA, 2006).

Consoante o alargamento dos estudos que se dedicam ao gênero biográfico, questiona-se: o que leva um cientista a se interessar por estudos do biográficos e quais as possibilidades e desafios vivenciados no desenvolvimento de biografias no campo da História da Educação? Para responder a essa inquietação, o estudo em tela objetivou desvelar como emerge o interesse de pesquisadores por estudos biográficos e como estes se desenvolvem no campo da História da Educação, abordando as possibilidades e desafios vivenciados por cientistas que escreveram biografias de educadoras cearenses. Considerando a consensual importância dos estudos micro-históricos, sobretudo as biografias, largamente disseminadas no século XXI e já validadas cientificamente pelos historiadores (DOSSE, 2009), torna-se relevante discutir como esse gênero está sendo utilizado na academia pelos pesquisadores da área da História da Educação. Partiu-se da hipótese de que há relevância social na utilização do processo de biografização para a preservação da História e Memória da Educação, bem como para a compreensão de nuances de contextos formativos e educativos, ao evidenciar a biografia como uma possibilidade de articulação entre Educação e História. A investigação possibilitou analisar como se desenvolveu as biografias desenvolvidas, evidenciando possíveis contribuições do trabalho com o gênero biográfico para ampliar a compreensão do contexto sócio-histórico e educacional do Ceará.

Em suma, a pesquisa em tela se ampara teoricamente nos pressupostos da História Cultural com fundamentos em Burke (2010, 2011), Chartier (2010), Certeau (1992), Le Goff (2003) e Febvre (2011) e metodologicamente na História Oral com respaldo em Amado e Ferreira (2006), Thompson (1992), Montenegro (2007) e Alberti (2003). E para discutir o uso biográfico, desde as concepções de Dosse (2009) e

Loriga (2011), organiza-se em mais três seções: a trajetória investigativa, que tratam respectivamente de descrever o método e percurso transcorrido no estudo; tecendo análises das narrativas dos pesquisadores, que apresenta os resultados e desenvolve as suas discussões; e as considerações finais, que sintetizam as principais ideias emergentes na pesquisa.

2 A TRAJETÓRIA INVESTIGATIVA

Para compreender as aproximações e o uso do gênero biográfico no campo da História da Educação, optou-se por ouvir as narrativas de pesquisadores com relativa experiência nessa subárea da Educação que já haviam realizado pesquisas biográficas por meio da socialização das suas experiências. Ou seja, que já desenvolvido pesquisas biográficas, *publicizadas* em teses ou estudos pós-doutorais no Ceará. Buscou-se, todavia, identificar pesquisadores da História da Educação, com relativa experiência, que houvessem estudado a vida de educadoras através da biografia, com foco na formação e atuação profissional, para socializarem suas experiências.

O percurso investigativo, todavia, iniciou-se com o objetivo de localizar pesquisadores com experiência comprovada no estado do Ceará que já houvessem realizado estudos biográficos com educadores em programas de Pós-Graduação em Educação, na linha de História da Educação, e que se disponibilizassem a colaborar via entrevista em História Oral temática (MEIHY; HOLANDA, 2007). Procurou-se, no período de 16 a 29 de maio de 2017, nos bancos de teses e dissertações das universidades do estado do Ceará – Universidade Federal do Ceará e Universidade Estadual do Ceará – quem possuía curso de doutorado em Educação e pesquisas com biografias de educadores. Como critérios para a inclusão dos professores participantes deste estudo, instituíram-se as condições de possuírem título de doutorado ou pós-doutorado em Educação e de terem experiência de pesquisa com biografia de educadores nesses níveis formativos.

Identificaram-se apenas três pesquisadores com o perfil descrito no Ceará (Quadro 1) – duas mulheres e um homem –, que se configuraram como os principais informantes do percurso de biografização com educadores em História da Educação, por terem vivenciado todas as situações relacionadas às possibilidades e dificuldades desse fazer biográfico. Eles foram inicialmente contatados, quando lhes foi explicado o objetivo da pesquisa e questionados se assentiam em participar dela: todos concordaram com a participação no estudo assinando o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)⁵, mesmo ante a ausência de benefícios e a explicação do risco mediante a não preservação do anonimato e a possibilidade de suas narrativas serem utilizadas com outro viés por quaisquer pessoas após a publicação do estudo, o que foge ao controle das pesquisadoras. Efetivou-se uma relação respeitosa e harmoniosa entre pesquisadores e colaboradores com vistas à condução de entrevistas empáticas (GUEDES-PINTO, 2015).

Quadro 1 – Pesquisadores que haviam realizado biografia de educadoras cearenses

Colaboradores	Formação inicial	Maior titulação	Pesquisa biográfica com educadora(s) desenvolvida
Lia Machado Fiuza Fialho	Pedagogia	Pós-Doutorado em Educação	Educação e educadores(as) do Ceará do século XX: práticas, leituras e representações
Antônio Roberto Xavier	História	Pós-Doutorado em Educação	Joana Paula de Moraes: história, memória e trajetórias educativas (1900-1963)
Gildênia Moura de Araújo Almeida	Letras	Pós-Doutorado em Educação	Mulheres beletristas e educadoras: Francisca Clotilde na sociedade cearense de 1862 a 1935

Fonte: Elaboração própria (2018).

⁵ O projeto de pesquisa e seu TCLE foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com parecer favorável de número 630.923, de 21 de março de 2014. A pesquisa foi apoiada financeiramente pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A necessidade de estudos partindo das narrativas de pesquisadores que realizam biografia de educadores cearenses, apresentando seus percursos no processo de biografização, com a socialização de possibilidades, desafios e percalços, torna-se relevante, afinal aprende-se no compartilhamento das experiências dos pares (DELORY-MOMBERGER, 2008). A interpretação, a partir das suas narrativas individuais, constitui-se um processo de formação, desse modo está na essência da própria vida que é “[...] uma perpétua aprendizagem: de cada situação, de cada experiência da existência, não cessa de tirar, ou melhor, de absorver lições.” (DELORY-MOMBERGER, 2011, p.337). No que concerne à relação da biografia, História e Educação faz-se necessário o entendimento de que os modos de proceder a biografização mudaram de acordo com as evoluções dentro da história e de uma época para outra se tornando irrefutável sua valorização no século XXI.

Para se fazer pesquisas científicas, existem diversas possibilidades metodológicas e recursos para a coleta de dados; dentre as perspectivas teórico-metodológicas, insere-se a História oral, que, segundo Santos e Araújo (2007, p. 192), é pertinente como um “[...] recurso usado em estudos referentes à vida de pessoas, grupos ou comunidades. Um conjunto de procedimentos que têm como ponto de partida um projeto e que têm como definição pessoas a serem entrevistadas”. Esta pesquisa, em congruência ao exposto, foi realizada por meio da metodologia da História Oral temática, na qual se buscou compreender as possibilidades e os desafios da narrativa biográfica com educadoras cearenses junto a pesquisadores cearenses.

Nesta perspectiva torna-se fundamental a aquisição e o uso da oralidade. Fonseca (1997, p. 39) compartilha a premissa aqui defendida, quando leciona:

[...] as narrativas orais não são apenas fontes de informações para o esclarecimento de problemas do passado, ou um recurso para preencher lacunas da documentação escrita. Aqui, ganham relevância as vivências e as representações individuais. As experiências dos homens, constitutivas de suas trajetórias, são rememoradas, reconstruídas e registradas a partir do encontro de dois sujeitos: narrador e pesquisador. A história oral [...] constitui uma possibilidade de transmissão da experiência via narrativas.

Como leciona Bérghson (1990, p. 196), “[...] a memória não consiste, em absoluto, numa regressão do presente ao passado, mas, pelo contrário, num progresso do passado ao presente [...]”, logo, fez-se necessário recuperar a história oral dos biógrafos para viabilizar uma progressão no tempo, proporcionando melhor compreensão das pesquisas científicas por eles realizadas.

Utilizou-se como instrumento de coleta de dados a entrevista individual em História Oral com os três pesquisadores pós-doutores em Educação *experts* em biografias com educadoras, já que “[...] a existência de um foco central que justifica o ato da entrevista em um projeto recorta e conduz a possíveis maiores objetividades” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 35). Desse modo, realizaram-se entrevistas temáticas – gravadas, transcritas, textualizadas e validadas – com os três colaboradores para trazer o debate acerca do uso de biografia de educadores cearenses na História da Educação.

As entrevistas foram realizadas nos locais escolhidos pelos participantes, seus espaços de trabalho – Universidade Estadual do Ceará, Universidade Federal do Ceará e Secretaria da Educação de Maracanaú –, e tiveram duração média de uma hora cada. Na ocasião, os professores participantes da pesquisa narraram livremente suas experiências em pesquisas biográficas com educadoras, relatando sobre as possibilidades e os desafios vivenciados.

Alberti (2006, p. 155) ressalta que “[...] a História oral permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da História’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação [...]”. E foi justamente na lembrança do fato vivido que os entrevistados resignificaram o presente, com a narrativa em História Oral, e nos

mostraram que os percursos de vida dos indivíduos estão ligados ao meio em que estes estão inseridos, já que suas escolhas e vivências os conduziram ao tempo presente. Importa destacar que a história de vida individual está relacionada indissociavelmente com a vida em sociedade, haja visto o fato de os seres humanos se inserirem como parte de um todo, pertencerem a uma comunidade, logo estudar o individual é adentrar no universo coletivo (MARQUES, 2017).

No que concerne à memória, Bosi (1987, p. 39) acentua que esta “[...] é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”. Cada pessoa possui registros do que foi significativo na consciência, seja por meio de lembranças ou esquecimentos de momentos bons ou ruins. Sem esquecer as armadilhas que podem estar embutidas na História Oral, como relata Silva (2006),

[...] através de testemunhos tem-se acesso a uma interpretação muito particular de quem as viveu. Certamente, são interpretações eivadas de memórias, sempre sujeitas a contaminações, aos filtros construídos ao longo da experiência e da vida por cada sujeito, mas elas guardam uma forma particular de referir a experiência. É uma história do vivido e como tal tem suas armadilhas; ela seduz porque relata uma experiência com a qual cada um, a seu modo, se identifica e isso pode levar o pesquisador ao deslumbramento, um deslumbramento cego que prejudica a utilização das informações na sua riqueza [...] (SILVA, 2006, p.132).

Não se buscou, portanto, uma verdade única e inquestionável, ao contrário, considerou-se que as narrativas carregam consigo subjetividades oriundas das lentes dos entrevistados e das pesquisadoras que as interpretam, o que não torna o substrato da memória menos significativo ou pouco importante para o estudo da História da Educação, visto que tal objeto de estudo pode contribuir significativamente para melhor compreensão historiográfica ao promover reflexões críticas atinentes aos estudos biográficos.

Thompson comunga com a importância de investigar a memória dos sujeitos, por intermédio da história oral, quando relata:

[...] a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história [...] A evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira. (1992, p. 137).

Nesta pesquisa, a História Oral propiciou a aquisição do discurso do agente, que foi analisado respeitando-se suas palavras, registrando, na medida do possível, emoções, silêncios e demais observações pertinentes. A proposta foi se debruçar na realização de uma transcrição, a mais precisa possível, concordando com Vidigal quando relata:

A oralidade ‘cativada’ no registro áudio só se transforma numa fonte acessível quando é ‘reconvertida’ em documento escrito. E a transcrição suscita inúmeros problemas, inúmeras perdas, pois é sempre uma tradução para outro suporte, quase para outro idioma. (1996, p. 73).

Nessa perspectiva, é necessário elucidar a ideia de que, mesmo compreendendo que a história oral não se caracteriza por ser um retrato fiel de ocorrências, certamente evidenciam-se interpretações muito pessoais constituídas ao longo da trajetória de vida de cada um sob circunstâncias particulares. Afinal, os acontecimentos são contados mediante os filtros culturais que a própria sociedade edifica, mas é por intermédio deles que se pode realizar uma reflexão mais rica acerca das contribuições fomentadas com as pesquisas biográficas no campo da História da Educação.

Salienta-se que, quando uma sociedade é estudada à luz da percepção de sua população, ou compreendida por intermédio das suas memórias, amplia-se a relevância social do estudo, por propiciar maior caráter democrático. Ensejar visibilidade às vozes dos pesquisadores em biografias de educadores possibilita mostrar que é possível fazer

pesquisa séria ultrapassando o uso exclusivo dos documentos oficiais e da “memória oficial” obtido por meio da hierarquização social e dos detentores de poder, além de viabilizar a valorização das pesquisas biográficas que se ampliam exponencialmente no início do século atual (XXI).

Importa destacar que o dito e o não dito pelos entrevistados em História Oral nesta pesquisa possuem intenções, isso não significa que suas narrativas exprimem garantia de verdade, mas que cada informação expressa pelos entrevistados abarca uma intencionalidade previamente selecionada por eles. Compreender as nuances da subjetividade da oralidade significa muito para uma boa interpretação historiográfica, já que esta não se propõe a fomentar narrativa única e inquestionável, ao contrário, busca despertar interpretações críticas variadas que resultem em novas pesquisas que possam ampliar a discussão em tela.

3 TECENDO ANÁLISES DAS NARRATIVAS DOS PESQUISADORES

Os professores pesquisadores que trabalhavam com estudos biográficos foram entrevistados acerca da temática ‘pesquisa biográfica’, os quais comentaram livremente sobre quatro subtemas: 1) O que entendiam por biografia; 2) Como havia ocorrido o encontro com as pesquisas biográficas, ou seja, o início dos estudos nesse campo; 3) O que os atraía na pesquisa biográfica e suas possibilidades; e 4) As dificuldades encontradas para o desenvolvimento de pesquisas biográficas.

Sobre o que entendiam por pesquisas biográficas, as respostas dos colaboradores apresentaram semelhanças a respeito do conceito de biografia:

Como o próprio nome já diz, a palavra une ‘bio’ e ‘grafia’, ou seja, é a escrita de vida, então a biografia é justamente a narrativa da vida de uma pessoa. [...] Eu posso escrever sobre minha própria vida, que seria uma autobiografia, ou escrever sobre a vida de outra pessoa, que seria uma biografia. O que é preciso salientar de importante é que existem vários tipos de biografias. Existem desde as biografias que atendem a um mercado comercial, que são aquelas biografias ficcionais, feitas, às vezes, por literatas, às vezes, por jornalistas, com vistas ao comércio e à venda do livro; essa biografia não tem o caráter academicista. Há as (auto)biografias de formação, mais utilizadas no campo educacional, e existe também a biografia que é histórica; quando acadêmica, esta contextualiza a história de vida da pessoa e as suas narrativas com o contexto político, social, econômico, cultural em que a pessoa está inserida numa dada delimitação temporal. Então, é com essa biografia que eu trabalho, que eu desenvolvo na academia, primando pela seriedade metodológica e aproximação com a verdade, ainda que esta não seja única. E que, inclusive, articula a História com a Educação. (FIALHO, 16 de maio de 2017).

A resposta da pesquisadora retrata a sua compreensão a respeito do que é biografia, demonstrando possuir conhecimento sobre a origem do termo, o seu conceito e as suas formas de utilização. Nessa perspectiva, com relação ao termo “biografia”, sabe-se que:

[...] a etimologia da palavra biografia, literalmente, escritas da vida: as culturas e sociedades transmitem e impõem, até certo ponto, escritas da vida, e os indivíduos escrevem– biografam –seus próprios percursos de vida no contexto dessas trajetórias modelizantes e programáticas. (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 336).

Dessa forma, dentre as possibilidades de biografar, o relato de Fialho (2017) comunga com os pressupostos de Dosse (2009) no tocante à biografia hermenêutica, pois compreende que, mais do que contar uma vida de maneira ficcional para agradar um mercado comercial, a ciência se interessa por uma narrativa criteriosa, contextualizada, amparada metodologicamente no campo científico para fomentar uma narrativa o mais aproximada possível da verdade, ainda que não se conceba a História como ciência linear de única interpretação. Fukelman (2014) e Vilas-Boas (2014) também coadunam

com a essa perspectiva do biografismo científico em que importa uma versão o mais fidedigna dos acontecimentos e fatos vivenciados.

A biografia, segundo a entrevistada, pode tanto ser a escrita da vida de outra pessoa como a escrita de sua própria vida, neste caso denomina-se autobiografia. Tal ideia é asseverada por Carino (2000), ao salientar que biografia e autobiografia tratam da vida e trajetória individual de forma específica, porém a distinção entre os termos está no sujeito que as realiza, pois a autobiografia é a escrita da própria vida, já a biografia é a escrita da vida de outrem.

Sobre biografia, o segundo entrevistado acrescentou que:

Biografia está dentro de uma pauta que, às vezes, se mistura entre autobiografia e história de vida. [...] Na biografia, pode ser a bio, a vida, a grafia, a escrita da vida, e, às vezes, comporta entre a história de vida. Há uma mistura, certo misto de participação sua como interlocutor juntamente com o biografado. No caso da autobiografia, não, a pessoa fala de si [...],mas, num modo geral, biografia é escrita de vida, isso no termo composto. Se nós separarmos, decomparamos a palavra biografia.(XAVIER, 29 de maio de 2017).

Xavier (2017), assim como Fialho (2017), distingue autobiografia e biografia explicando que esta consiste na participação do interlocutor com o entrevistado, já que na biografia o pesquisador possui uma direta participação na sua elaboração, sendo a história narrada sob os filtros do investigador. Tal relato coaduna-se às ideias de Carino (1999, p.154), quando leciona que “Biografar é, pois, descrever a trajetória única de um ser único, original e irrepitível; é traçar-lhe a identidade refletida em atos e palavras; é cunhar-lhe a vida pelo testemunho de outrem; é interpretá-lo, reconstruí-lo, quase sempre revivê-lo”. Ou seja, ainda que cada trajetória de vida seja única e irrefutável, ao ser desvelada por outrem, ela sofre interferências na maneira como o narrador vai interpretá-la.

Vale esclarecer que houve a compreensão de que ao desenvolver a biografia a história não se desenrola de maneira retilínea, bem como assevera Veyne (1995) ao inferir que “a história não se constitui nem somente em fatos nem como a estrutura de um geometral, mas em tramas.” Os fatos escolhidos para serem narrados pelo pesquisador dependem da trama selecionada, dentro de uma série específica, e “essa escolha não pode descrever uma totalidade histórica, pois qualquer descrição é seletiva.” Logo, não há um sentido único, uma rota a ser traçada no campo factual, pois os acontecimentos não são totalidades, mas “núcleos de relações.” (VEYNE, 1995, p.32). A escrita da vida, com efeito, vai depender da interação entre entrevistado e entrevistador, assim como da trama de vida de cada sujeito.

A terceira entrevistada, Almeida (2017), ao definir biografia, centrou ênfase no fato de esta se estender para além da simples narrativa da vida do biografado; ela explicou que: “[...] com a biografia, a gente tem exatamente uma história não só da pessoa, você estuda a parte econômica, nós chamamos de biografia modal, nós temos partido da história de vida de uma pessoa”. Importa salientar que Levi (2006) esquematizou a biografia em quatro gêneros, quais sejam: 1) Biografia contexto, que procura reconstituir o meio sociocultural do indivíduo por meio do seu contexto; 2) Biografia de casos extremos, que centra ênfase em um personagem com comportamento atípico para o seu contexto e época; 3) Biografia e hermenêutica, que inter-relaciona conhecimentos da Antropologia, Sociologia e demais ciências com o objetivo de compreender e desvelar parte dos infinitos significados e interpretações que uma vida enseja; e 4) Prosopobiografia e biografia modal, citada pela entrevistada Almeida (2017), que atua sobre um caso modal que ilustra maneiras típicas de comportamento em uma determinada cultura, tempo e espaço social.

Percebe-se, pois, que Fialho (2017) e Xavier (2017) se aproximam mais da perspectiva hermenêutica, enquanto Almeida (2017) adota o paradigma da biografia

modal, em que “[...] o indivíduo só tem valor na medida em que ilustra um coletivo. O singular se torna uma entrada no geral, revelando ao leitor o comportamento médio das categorias sociais do momento” (DOSSE, 2009, p. 195). Para os três pesquisadores, contudo, observa-se a compreensão de que uma biografia não possibilita generalizações ou macroexplicações, mas possibilita contextualizações que interrelaciona na indissociavelmente o coletivo e o individual. Sobre esse postulado Loriga informa:

[...]. Um indivíduo não pode *explicar* um grupo, uma comunidade ou uma instituição, e inversamente, um grupo, uma comunidade ou uma instituição não permitem explicar um indivíduo. Entre esses dois polos, existe sempre um resíduo, e esse resíduo é inesgotável. As criações da vida coletiva são atormentadas, vividas e realizadas por cada indivíduo, mas escapam a seu controle, abarcando um espaço humano mais amplo que o mais simple espaço biográfico. (LORIGA, 2011, p.135)

A biografia de um sujeito, no entanto, retrata muito mais que uma vida privada e alheia à coletividade, porque, enquanto ser social, o indivíduo interfere no seu contexto assim como é influenciado pela conjuntura social em que si insere. Assim, um estudo biográfico, permite o despertar de reflexões acerca de um conjunto de fatores de cunho social, econômico e político, que delineiam o contexto do biografado.

Importa destacar que, mesmo inseridos na área da Educação, nenhum dos três entrevistados trabalha especificamente no campo de formação de professores, no qual é bastante usual utilizar a terminologia “(auto)biografia” para englobar construtos como: história de vida, trajetória de vida, narrativa de si, biografia, autobiografia, etc. (ABRAHÃO, 2010). Nesse entendimento, consoante o relato de Fialho (2017), a biografia educacional assume uma perspectiva formativa para a qual o biografado se forma ao refletir e ressignificar sua trajetória de vida em narração, bem como o biógrafo é formado ao interagir com as vivências e experiências relatadas, problematizando-as, o que possibilita a internalização de novas compreensões e o desenvolvimento de outras condutas (JOSSO, 2010).

No que concerne à iniciação com pesquisa biográfica na Educação, os estudiosos apresentaram percursos diferentes, como se pode observar nas narrativas adiante:

Sou pedagoga; eu comecei a trabalhar com biografia na Educação quando eu ainda fazia o meu doutorado. Trabalhei com a história de vida de jovens em conflito com a lei na interface com a Educação nos centros socioeducativos. E, depois disso, eu me interessei pelas biografias, pois eu pude mudar a minha percepção de mundo desde a vida desses jovens. Dei continuidade a esses estudos no pós-doutorado e hoje trabalho com biografia de educadoras. (FIALHO, 16 de maio de 2017).

[...] biografia me despertou em função da minha própria formação de historiador; eu sou historiador. Nas leituras sobre biografia, a gente percebe a abertura da biografia como uma possível prática de pesquisa, pertencendo à Micro-História proporcionada pela Nova História Cultural. Ela dá não voz, porque talvez a palavra correta seja dar sentido, reconhecimento da contribuição de certos sujeitos que foram ofuscados pelo poder, pela História Tradicional ou pelo preconceito do nosso país em dar credibilidade apenas aos grandes vultos. Então, a biografia surgiu para mim como uma possibilidade de reconhecimento da contribuição dos sujeitos anônimos que ao longo do tempo contribuíram inclusive com a própria edificação da educação do país, como as professoras leigas. E esses sujeitos são ou só podem ter a possibilidade de serem vistos através da biografia. (XAVIER, 29 de maio de 2017).

No meu mestrado em Letras, quando eu fui pesquisar sobre uma obra literária, que foi ‘A fome’, de Rodolfo Teófilo, então dali eu tive que pesquisar a história de vida do autor. E, partindo da história de vida de Rodolfo Teófilo, eu descobri movimentos sociais no Ceará. Comecei a perceber na pesquisa outras pessoas envolvidas na história de vida dele, eu me interessei também pela história de vida de outras pessoas, tanto que, no meu doutorado em Educação, que partiu do Rodolfo Teófilo, descobri a Francisca

Clotilde, que foi a primeira mulher a lecionar na escola normal do Ceará. (ALMEIDA, 14 de junho de 2017).

Importa destacar que as formações iniciais dos pesquisadores são distintas – Pedagogia, História e Letras – e que, mesmo todos possuindo doutorado e pós-doutorado em Educação, o encontro com as pesquisas biográficas se deu de maneira particular. Fialho (2017) começou seus estudos com biografia no doutorado em Educação, Xavier (2017) iniciou seus estudos ainda na graduação em História e Almeida (2017) principiou seus estudos no mestrado em Letras. Enquanto Fialho (2017) se aproximou das biografias para compreender a vida de jovens privados de liberdade, Xavier (2017) enxergou na biografia a possibilidade de reconhecimento das pessoas que não estão no poder, muitas vezes esquecidas e que são até atuantes para a sociedade, ainda que não reconhecidas, como as professoras leigas. Nos dois casos, havia interesse em lançar lume aos silenciados da historiografia oficial, na contramão da História positivista, que só guardava lugar a mártires (THOMPSON, 1992).

Thompson (1992, p. 217), consoante ao exposto por Fialho (2017) e Xavier (2017) acrescenta:

[...] Deles nos vem não apenas estímulo intelectual, mas às vezes, por ingressar na vida de outras pessoas, uma experiência humana, profunda e comovente. E podem realizar-se em qualquer lugar – pois toda comunidade carrega dentro de si uma história multifacetada de trabalho, vida familiar e relações sociais á espera de alguém que a traga para fora.

Almeida (2017), contudo, não ingressou no campo biográfico em virtude do interesse de desvelar a vida de pessoas com parca visibilidade na historiografia positivista, mas para compreender a escrita de uma obra literária, possivelmente por causa de sua formação em Letras, no entanto desenvolve biografia com vistas à cientificidade e respalda-se no campo historiográfico, em vez de centrar ênfase em narrativas de cunho ficcional, aproximando-se do que propugna Carino (1999, p.173) ao asseverar que “[...] existem certas características únicas de cada indivíduo; porém, esse mesmo indivíduo partilha, com outros, certas características comuns; essas características comuns, por sua vez, representam o ‘espírito da época’ em que a vida é vivida, como os ingredientes devidos a cada cultura”.

Nunes, Fialho e Machado (2016, p. 797), ao tecerem reflexões em torno da relação em História e Literatura, enfatizam que:

Embora o dito pela Literatura não seja, em muitos casos, o que foi dado pelos fatos reais, pode indicar pistas do acontecido, do não dito pela História; como representação, permite desvelar comportamentos omitidos, fazer falar sujeitos silenciados, indicar outras fontes que possam conduzir o trabalho do historiador para uma visão mais complexa e holística dos acontecimentos. [...] a literatura é uma fonte especial e privilegiada para o historiador, porque lhe dá acesso ao imaginário, proporcionando pistas, traços e uma leitura plural decorrente de sua linguagem polissêmica, metafórica, sensível e sensibilizadora.

Com essa compreensão, Almeida (2017) realiza estudos de cunho educacional e histórico desde textos literários, pois acredita na potencialidade da literatura como documento, sem deixar de considerar sua organização específica. Afinal, “Ainda que se considere o estatuto próprio do texto literário, ele é uma produção social válida porque revela, de uma outra forma, o que a análise social revela através de outros processos de investigação” (MORAIS, 2002, p. 29).

Para Gonçalves Filho (2000) também assevera a presença de elementos históricos, biográficos e literários numa obra de literatura, que não pode ser concebida simples acaso, mas como parte do entrelaçamento de fatores sociais e culturais.

O exclusivismo literário praticado na suposição de que a literatura é tão-somente produto da imaginação criadora anula os fatores que dão vida e justificam essa imaginação – são as relações tensas entre indivíduo e sociedade. Um mundo que o homem não consegue, pela razão, tornar familiar, a literatura surge, pela imaginação, como um meio de compensar essas ‘rachaduras’ metafísicas e existenciais deixadas pelas práticas ‘racionalis’, religiosas e políticas (GONÇALVES FILHO, 2000, p. 36).

As trajetórias singulares dos pesquisadores biógrafos perpassam a Educação, a História e Literatura, e são importantes para demonstrar que as pesquisas biográficas não são exclusivas de uma ou outra área do conhecimento, ao contrário, elas estão sendo desenvolvidas em diversos campos, o que indica a transdisciplinaridade inerente ao gênero biográfico, o qual abarca saberes também da Antropologia, Sociologia, Ciências Sociais, dentre outras ciências (POLLAK, 1989).

Interessa destacar que os pesquisadores entrevistados foram congruentes na compreensão de que a biografia só faz sentido se inter-relacionada com o contexto, considerando aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais, não apenas de um indivíduo isoladamente, mas da coletividade. Silva (2015, p.7) explica que a biografia é:

[...] resultado de memórias (ou mesmo esquecimentos) coletivas, individuais e sociais, negociadas e processadas, com vínculos com mitos, saberes, fazeres e tradições que se corporificam a partir de relações particulares com o tempo e o espaço, que não são simplesmente atos de resgate, mas de reconstrução do passado a partir de referenciais atuais.

A compreensão de Silva (2015) se aproxima da concepção dos pesquisadores entrevistados e de Crouzet (2000, p. 15), quem assevera que “[...] o indivíduo é uma totalidade e, ao mesmo tempo, uma porção ínfima dessa totalidade; nele se adivinham ou se projetam as tensões socioculturais de uma época [...]”. Desse modo, o pesquisador, ao interpretar as narrativas, “[...] atribui sentidos aos fatos narrados por outrem, decodifica símbolos, imagens e mitos corporificados nas lembranças do narrador, presentes no *corpus* oral, no *corpus* escrito ou naqueles que se constituem sob a forma de imagens [...]” (COSTA, 2014, p.51), representando um todo indissociável – indivíduo e sociedade.

Em consonância com esses postulados, os pesquisadores entrevistados demonstraram reconhecer a importância dos estudos biográficos, especialmente pela possibilidade de compreender o todo pelas partes, ou seja, o macrossocial pelo estudo do microssocial (LORIGA, 2011). Esse pressuposto pode ser constatado nas narrativas acerca do que atrai na pesquisa biográfica e suas possibilidades:

O que me atrai nas pesquisas biográficas é que esse tipo de pesquisa lança luz sobre a vida das pessoas, e as vidas são singulares. Nunca uma vida é igual à outra, e as narrativas orais são eivadas de lembranças e esquecimentos que compõem o substrato instigante da memória. Então, cada vida nos leva a novas reflexões, a novos aprendizados, afinal, para contextualizar os fatos, os acontecimentos e a história de vida de cada um desses indivíduos, um arcabouço de leituras, conhecimento e novos estudos novos são mobilizados. Eu gosto de trabalhar com histórias de vida porque elas me possibilitam novas leituras de mundo, novos conhecimentos e novas aprendizagens, além de ser uma história mais viva, mais pulsante. (FIALHO, 16 de maio de 2017).

Assim como Fialho (2017), Casagrande (2010, p.37) compreende que “A identidade do eu se funda na capacidade de dar continuidade à própria biografia ou à sua própria história de vida”, ou seja, a biografia permite a constituição da identidade do pesquisador desde sua reflexão sobre a vida do outro e de sua própria vida. Delory-Momberger (2008) acrescenta que a biografização possui natureza educativa, pois é possível formar-se com a interlocução com o biografado, sua historicidade, suas práticas e seu contexto, significando reflexivamente a interface entre o indivíduo e o social.

Alberti (2003) chama a atenção para o quão fascinante é o vivido e corrobora a assertiva de Fialho (2017) de que há uma envolvente singularidade na história individual, pois nenhuma vida é igual, ainda que todas estejam situadas em determinada temporalidade e contexto. Inclusive acrescenta que a História oral, reconstituída por intermédio da memória, possibilita vir à tona lembranças e esquecimentos, que suscitam mote para melhor compreensão historiográfica. Sobre a memória, Bosi (1987, p. 46-47) discorre que esta “[...] permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações”.

Congruente com Fialho (2017), Xavier relatou os atrativos e possibilidades da biografia:

O que me atrai nas pesquisas biográficas é a imersão que se faz na tentativa de colher algo, de pensar no contexto, de emergir nas possíveis realidades daquele sujeito, de sentir ou de, filosoficamente falando, transpor-se no tempo e no espaço para poder sentir, pelo menos simbolicamente, o que esses sujeitos poderiam pensar, foram capazes de fazer e o que eles representam para a sociedade. Isso na perspectiva da memória e da história deles. Essa imersão permite ampliar a compreensão historiográfica e perceber que não há uma História única, verdadeira e inquestionável. (XAVIER, 29 de maio de 2017).

Xavier (2017) não somente infere que a biografia colabora para a compreensão historiográfica, como aponta para a importância do biógrafo não fazer julgamentos ou análises descontextualizadas, com efeito, realizar imersão, ainda que simbólica, na temporalidade e na espacialidade do contexto sociocultural em que se inseriu o biografado. Tais premissas são defendidas, por exemplo, por Bosi (1987), Ferreira e Amado (2006) e Montenegro (2007), quando afirmam que é preciso considerar que cada indivíduo é influenciado pelo seu contexto social e histórico, ao tempo que esse indivíduo também interfere na consolidação de paradigmas ou rupturas desde sua atuação na vida coletiva.

Percebe-se que a atração pela biografia, para Almeida (2017), encontra-se nos exemplos de vida dos sujeitos que enfrentam dificuldades e não desistem de seus objetivos e ideais, indivíduos que conseguem fazer com que seus atos repercutam na vida de outras pessoas:

O que me atrai é principalmente a perseverança que a gente vê nas personalidades biografadas. [...] Quando, às vezes, eu quero ficar desmotivada na minha vida acadêmica e na minha vida profissional, eu vejo a história das pessoas que, apesar de todas as dificuldades, não desistiram e continuaram na luta. A história de vida de pessoas me motiva para que eu não desista. [...] então, a pesquisa biográfica possibilita muitas reflexões, não só as reflexões profissionais, mas as acadêmicas e pessoais, desde a história de vida dos outros até sua história de vida. [...]. (ALMEIDA, 14 de junho de 2017).

No caso de Almeida (2017), a ênfase de sua narrativa não se centrou na compreensão historiográfica e ampliação do acervo de conhecimentos pessoais, mas na possibilidade de formar-se com a história do outro. Essa perspectiva é congruente com a de Nóvoa e Finger (2014), Passeggi e Silva (2010) e Souza e Mignot (2008), para os quais as histórias de vida, o método (auto)biográfico e as compreensões de itinerários são alternativas de formação.

Valorizando os processos e assumindo a totalidade das histórias de vida de uma pessoa o método biográfico facilita o desenvolvimento de uma sociologia holística da formação, mais adequada à especificidade de cada indivíduo. Enquanto instrumento de investigação-formação, o método biográfico permite considerar um conjunto alargado de elementos formadores, normalmente negligenciados pelas abordagens

clássicas, e, sobretudo, e possibilita que cada indivíduo compreenda a forma como se apropriou desses elementos formadores (NÓVOA; FINGER, 2014, p. 22).

Ainda que singulares e distintos, os relatos dos pesquisadores foram unânimes ao demonstrarem o fascínio pelas pesquisas biográficas (ALBERTI, 2003). Borges (2006, p.216) também exprime seu interesse pelas biografias ao escrever: “Fico fascinado pelas muitas formas através das quais uma ‘história verdadeira’ pode ser contada”. Nenhum deles, todavia, foi obrigado a trabalhar com biografias ou desenvolver estudos nesse campo desde a imposição de um orientador ou de terceiros. Eles se sentiam atraídos pela possibilidade de: ampliarem seus conhecimentos e saberes; refletirem sobre experiências distintas; poderem se imergir em contextos diversos; compreenderem outras narrativas históricas; ou aprenderem com a trajetória e experiência do outro, ressignificando suas próprias vidas. Nesse sentido há uma autoformação intrínseca que “[...] parece ser a expressão de um processo de antropogênese que extravasa as estratificações sociais e educativas tradicionais” (PINEAU, 2014, p. 92), já que:

A formação assemelha-se a um processo de socialização, no decurso do qual os contextos familiares, escolares e profissionais constituem lugares de regulação de processos específicos que se enredam uns nos outros, dando uma forma original a cada história de vida. Na família de origem, na escola, no seio dos grupos profissionais, as relações marcantes, que ficam na memória, são dominados por uma bipolaridade de rejeição e de adesão (DOMINICÉ, 2014, p. 89)

As pesquisas biográficas, segundo os entrevistados, em suma, apresentaram muitas possibilidades: motivação pessoal; conhecimento de outras narrativas historiográficas; ampliação de aprendizagens e saberes diversos desde os estudos empreendidos para interpretar a vida do outro; ressignificação de contextos históricos e da própria vida; crescimento profissional e pessoal; e compreensão historiográfica de que não há uma História única, verdadeira e inquestionável, etc. Nesse sentido, Delory-Momberger (2008, p.343) enfatiza que “[...] todo percurso existencial é um percurso de formação, porque organiza, temporária e estruturalmente, as aquisições e os aprendizados dentro de uma ‘história’, de uma biografia de formação”.

Ainda que as narrativas dos entrevistados tenham apontado para diversas possibilidades, também foram muitas as dificuldades relatadas no tocante à realização da pesquisa biográfica, como esclareceram as narrativas:

Ao mesmo tempo em que a pesquisa biográfica é gratificante por ser envolvente, mais viva, mais latente, ela também apresenta algumas dificuldades. Primeiro para localizar nomes pertinentes de sujeitos a serem biografados, depois para localizar fontes orais e documentais e conseguir sensibilizar as pessoas a abrirem o livro das suas vidas. Nem todos estão dispostos a contar sua vida para um desconhecido, o que demanda empatia, sensibilidade, trato e experiência para a coleta das informações mais importantes. Depois é necessário articular os horários, os tempos, os lugares; esse processo é delicado, porque a gente sempre fica à mercê do que é mais conveniente para o nosso entrevistado. Por fim, é muito tempo investido em transcrições, validações, análises e redações com os resultados das pesquisas. Se não bastassem essas questões, ainda há profissionais que desqualificam as pesquisas biográficas quanto à sua importância, muitos sem nem conhecerem a fundamentação teórica e metodológica utilizada. (FIALHO, 16 de maio de 2017).

O que eu aponto como dificuldade nessas pesquisas biográficas é o fato de muitos registros terem se perdido no tempo, assim temos que procurar fontes diversas que, muitas vezes, não são fáceis de encontrar. A outra coisa [...] é com relação às informações que são desencontradas, [...] a questão da checagem das informações

que se perdem com o tempo devido à falta de registros [...]. (XAVIER, 29 de maio de 2017).

[...] nós não temos muitas fontes. [...] Quando a gente procura os familiares, eles têm receio de mostrar a vida particular *da pessoa, então é preciso conquistar os familiares [...], tem que ter bastante paciência.* (ALMEIDA, 14 de junho de 2017).

As principais dificuldades elencadas foram: identificar possíveis biografados; localizar fontes documentais, que são geralmente escassas e mal preservadas; sensibilizar os colaboradores (fontes orais) para revelarem as informações pertinentes à pesquisa; checar informações desconhecidas; e organizar o tempo para realizar a pesquisa com a coleta de dados, transcrições, validações, análises e escritas acadêmicas. Destaca-se que, mesmo com as dificuldades mencionadas, os pesquisadores acreditavam não apenas na viabilidade das pesquisas biográficas como instrumento formativo, mas como uma possibilidade de preservar a História e a Memória da Educação, ampliando a compreensão no campo historiográfico e educacional.

Sem intenção de generalização, este estudo possibilitou, ainda que a partir de um número limitado das entrevistas em História oral temática realizadas com experientes profissionais no trabalho com pesquisas biográficas no campo da Educação, compreender as contribuições fomentadas com as biografias, desde as possibilidades e desafios vivenciados pelos pesquisadores que as empreenderam. E, considerando que a aceitação mais consensual, bem como o alargamento da produção e difusão de pesquisas biográficas na academia, remonta mais enfaticamente à última década do século XX e início do século XXI, essa temática se configura como recente, caracterizando uma discussão atual e relevante (DOSSE, 2009), especialmente quando se fundem dois campos coextensivos – História e Educação –, já que tal imbricamento enseja intencionalidades distintas e inter-relacionadas: por vezes, com ênfase na formação; por vezes, com foco na preservação da História e memória com a reconstituição de uma narrativa historiográfica. Ambas as perspectivas proporcionam reflexões e conhecimentos que permitem ampliar conhecimentos referentes à História da Educação, ao trazer à tona rupturas e permanências históricas desde a vida contextualizada de educadores situados no seu tempo e espaço.

Defende-se a ideia de que o desenvolvimento de biografias na História da Educação oferece elementos para reelaboração de narrativas históricas, de modo a aprofundar conhecimentos sobre a História da Educação e a revelar uma perspectiva historiográfica por muitos anos não apresentada pela História oficializada. Por intermédio das biografias, é possível lançar luz a sujeitos históricos que contribuíram para o cenário educacional – por exemplo, mulheres educadoras –, mas que não desfrutaram da devida visibilidade social, permanecendo obscurecidos e relegados a um segundo plano de importância (ALMEIDA, 1998). É possível também estender o lastro de conhecimentos micro-históricos de uma dada realidade desde a história de vida individual indissociada da coletiva, partindo do particular para o geral, mas também do todo para a parte, numa dinâmica espiral que retroalimenta o micro pelo macro, e vice-versa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se que o quantitativo de estudos biográficos aumentou consideravelmente na atualidade, sobretudo neste início de século XXI (DOSSE, 2009), e que houve uma ampliação de pesquisas científicas com mote em biografias em diversas áreas, inclusive no campo educacional e historiográfico. Logo se questionou: o que leva um cientista a se interessar por estudos do biográficos e quais as possibilidades e desafios vivenciados no desenvolvimento de biografias no campo da História da Educação? Com o escopo de responder a essa problemática, desenvolveu-se uma pesquisa com o objetivo desvelar como emerge o interesse de pesquisadores por estudos biográficos e como estes se desenvolvem no campo da História da Educação, abordando as possibilidades e desafios vivenciados por cientistas que escreveram biografias de

educadoras cearenses. Houve a participação de três pesquisadores pós-doutores que trabalhavam com estudos biográficos, os quais, por intermédio da metodologia da História Oral temática, verbalizaram algumas compreensões acerca da temática “pesquisa biográfica”. Eles comentaram sobre o que entendiam por biografia, como haviam iniciado nos estudos biográficos, o que lhes atraía na pesquisa biográfica e quais eram as possibilidades e dificuldades encontradas para o desenvolvimento de pesquisas biográficas. Os relatos orais foram transcritos, textualizados, validados e analisados, proporcionando uma reflexão crítica sobre biografia, especialmente no campo educacional.

Os resultados demonstraram que os pesquisadores colaboradores possuíam conhecimento da etimologia do termo ‘biografia’ como escrita de vida, inclusive mostraram que, para além de um entendimento literal, havia uma compreensão mais ampla que percebia o processo de biografização numa inter-relação indissociável entre o indivíduo, único e irrefutável, com o coletivo. Todos os pesquisadores relataram a importância de considerar o tempo e o espaço histórico em que se insere o sujeito biografado, salientando a necessidade de uma contextualização social, cultural, política e econômica.

Observou-se que os pesquisadores, apesar de possuírem pós-doutorado em Educação e serem licenciados, haviam tido formação inicial em *campi* diferentes: Fialho era pedagoga, Xavier era historiador e Almeida era formada em Letras. Ainda que todos estivessem trabalhando com biografia de educadoras, o início com os estudos biográficos havia se dado em momentos de vida distintos, com objetos díspares: Fialho havia começado tal empreitada no doutorado em Educação com jovens em conflito com a lei; Xavier havia iniciado na graduação em História com sujeitos anônimos; e Almeida havia principado no mestrado em Letras com o estudo da obra *A fome*, de Rodolfo Teófilo. Cada um vivenciou a biografia em áreas distintas, o que permite inferir que a biografia não é exclusividade de uma ou outra ciência, mas de várias, sendo, portanto, interdisciplinar.

A atração pelo trabalho de biógrafo estava intimamente relacionada com as possibilidades oferecidas pelo desenvolvimento desse tipo de estudo. No caso de Almeida, o interesse havia sido despertado pela possibilidade de identificação com a vida dos sujeitos biografados, ampliação de saberes e aprendizagens e motivação e ressignificação para a própria vida pessoal, já que trabalhava com a biografia modal. Nos casos de Fialho e Xavier, que adotavam uma concepção hermenêutica da biografia, a possibilidade de ampliar a compreensão de uma determinada época, ensinar luz aos sujeitos ofuscados pela historiografia tradicional e elaborar outras narrativas havia lhes motivado, contemplando uma perspectiva micro-histórica, de sorte a preservar a história e a memória coletivas.

As principais dificuldades mencionadas para a realização das biografias foram inerentes ao processo de identificação de pessoas a serem biografadas, à localização de fontes documentais preservadas, à sensibilização dos sujeitos para conceder fontes orais, à conciliação de horários e locais para entrevistas e à disponibilidade do tempo demandado para tratar as fontes orais – gravar, transcrever, textualizar, validar – e elaborar os textos científicos para a disseminação das pesquisas.

As análises dos resultados permitiram discutir o desenvolvimento das pesquisas biográficas, suas viabilidades e dificuldades, o que proporcionou a reflexão concernente à viabilidade do desenvolvimento e uso das biografias para o fomento de conhecimentos científicos no campo da Educação. Concluiu-se que, ainda que ofereçam dificuldades pertinentes à realização de quase todos os estudos acadêmicos, as pesquisas biográficas são relevantes cientificamente, haja vista que contribuem para melhor compreensão da realidade sócio-histórica de determinado período e espaço histórico, exprimindo nuances invisibilizadas pelas pesquisas macro-históricas e revelando singularidades e particularidades de um coletivo no imbricamento com o particular. Ensejam também a

preservação da História e da Memória da Educação, bem como a constituição de um instrumento formativo para os pesquisadores e seus leitores.

Torna-se viável encorajar, todavia, discussão com mote nas biografias, em especial de educadoras, para ampliar a compreensão acerca da História da Educação, já que é possível desenvolver estudos acadêmicos com credibilidade científica que alargam possibilidades interpretativas atinentes a contextos educacionais que envolvem práticas educativas, formação de professores e cenários culturais, sociais e educacionais só passíveis de melhor compreensão desde estudos micro-históricos. Intenta-se, pois, estimular novos debates e discussões sobre essa temática, ao invés de esgotar reflexões.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). *(Auto)biografia e formação humana*. Porto Alegre: PUCRS, 2010.
- ALBERTI, V. História dentro da História. In: PINSKY, C. B. (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 155-202.
- ALBERTI, V. *O fascínio do vivido, ou o que atrai na História oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003.
- ALMEIDA, G. M. A. *Entrevista cedida em 14 de junho de 2017*. Fortaleza, Ceará, 2017.
- ALMEIDA, J. S. *Mulher e Educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Org.). *Usos e abusos da História oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre o corpo e o espírito*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1990.
- BORGES, V. P. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, C. B. (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 203-234.
- BURKE, P (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- BURKE, P. *A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: USP, 1987.
- CARINO, J. A biografia como fonte para uma História da Educação: subsídios para um debate necessário. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 14, n. 27/28, p. 159-173, 2000. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/740>>. Acesso em: 13 jul. 2018.
- CARINO, J. A biografia e sua instrumentalidade educativa. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 20, n. 67, p. 153-182, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73301999000200006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 13 jul. 2018.
- CASAGRANDE, C. A. Identidade e biografia sob a ótica da ação comunicativa de Jürgen Habermas. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). *(Auto)biografia e formação humana*. Porto Alegre: PUCRS, 2010. p. 23-43.

- CERTEAU, M. *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1982.
- CHARTIER, R. *A História ou a leitura do tempo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- COSTA, C. B. A escuta do outro: os dilemas da interpretação. *Revista História Oral*, São Paulo, v. 17, n.2, p. 47-67, 2014. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=403>>. Acesso em: 13 jul. 2018.
- CROUZET, D. Le connétable de Bourbon entre “pratique”, “machination”, “conjuración” et “trahison”. In: COMLOTS ET CONJURATIONS DANS L’EUROPE MODERNE. *Actes du colloque international organisé à Rome, 30 septembre -2 octobre 1993*. Rome: École Française de Rome, 1996. p. 253-269. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/efr_0223-5099_1996_act_220_1_4987>. Acesso em: 13 jul. 2018.
- DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: UFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- DELORY-MOMBERGER, C. Fundamentos epistemológicos da pesquisa: biográfica em educação. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 333-346, 2011. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982011000100015&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 13 jul. 2018.
- DOMINICÉ, P. O processo de formação e alguns de seus componentes relacionais. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. *O método autobiográfico e a formação*. 2. ed. Natal: UFRN, 2014. p. 77-90.
- DOSSE, F. *O desafio biográfico – Escrever uma vida*. São Paulo: USP, 2009.
- FEBVRE, L. Face ao vento: manifesto dos novos *Annales*. In: NOVAIS, F.; SILVA, R. (Org.). *Nova História em perspectiva*. São Paulo: Cosac & Naify, 2011. p.75-85.
- FERREIRA, M. M. História do tempo presente: desafios. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 94, n. 3, p. 111-124, 2000. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/517.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2018.
- FIALHO, L. M. F. *Entrevista cedida em 16 de maio de 2017*. Fortaleza, Ceará, 2017.
- FIALHO, L. M. F.; CARVALHO, S. O. C. História e memória do percurso educativo de Célia Goiana. *Série Estudos*, Campo Grande, v. 22, n. 45, p. 137-157, 2017. Disponível em: <<http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/992>>. Acesso em: 13 jul. 2018.
- FIALHO, L. M. F.; MACHADO, C. J. S.; SALES, J. A. M. Tráfico de drogas, briga de gangues e homicídios em série: a biografia de um jovem em conflito com a lei. *Projeto História*, São Paulo, n. 51, p. 64-98, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/20411>>. Acesso em: 13 jul. 2018.
- FONSECA, Selva Guimarães. *Ser professor no Brasil: história oral de vida*. Campinas: Papyrus, 1997.
- FUKELMAN, Clarisse (Org.). *Eu assino embaixo: biografia, memória e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- GONÇALVES FILHO, A. A.. *Educação e literatura*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- JOSSO, M.-C. *Experiências de vida e formação*. 2. ed. Natal: UFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

- LE GOFF, J. *História e memória*. 5.ed. Campinas: Unicamp, 2003.
- LE GOFF, J.; NORA, P. (Org.). *História: novos problemas, novas abordagens, novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- LEVI, G. Usos da biografia. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Org.). *Usos e abusos da História oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 167-182.
- LORIGA, S. *O pequeno x: da Biografia à História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- MARQUES, J P. Além da história, a tradição oral: considerações sobre o ensino de história da África na educação básica. *Educação & Formação*, Fortaleza, v. 2, n. 5 maio/ago. 2017. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/142>>. Acesso em: 10 ago. 2018.
- MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- MONTENEGRO, A. T. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. *Leituras de mulheres no século XIX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- NIETZSCHE, F. W. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- NÓVOA, A.; FINGER, M. *O método autobiográfico e a formação*. 2. ed. Natal: UFRN, 2014.
- NUNES, M. L. S; FIALHO, L. M. F; MACHADO, C. J. dos S. Reflexões em torno da relação entre História e Literatura. *Quaestio: Revista de Estudos de Educação*, Cuiabá, v. 18, p. 793-805, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/2853>>. Acesso em: 13 jul. 2018.
- PASSEGGI, M. C.; SILVA, V. B. (Org.). *Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- GUEDES-PINTO, A. L. Memórias de leitura e formação de professores: considerações sobre a apropriação da fala do outro. *Revista História Oral*, São Paulo, v. 18, n.2, p.207-222, 2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/Lia/Downloads/579-1853-1-PB.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2018.
- PINEAU, G. A autoformação no decurso de vida: entre a hetero e a ecoformação. NÓVOA, A.; FINGER, M. *O método autobiográfico e a formação*. 2. ed. Natal: UFRN, 2014. p. 91-110.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2018.
- SANTOS, S. M.; ARAÚJO, O. R. História oral: vozes, narrativas e textos. *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, n. 6, p. 191-201, 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/282>>. Acesso em: 12 jul. 2018.
- SILVA, V. L. G. Dar a palavra a... tomar a palavra de... In: SOUZA, E. C. (Org.). *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre: EDUNEB, 2006.
- SILVA, W. C. L. Minha vida, nossas vidas, formam um só diamante: possibilidades teórico-metodológicas da análise biográfica. *Ambivalências*, Sergipe, v. 3, n. 6, p. 5-13, 2015.

SOUZA, E. C.; MIGNOT, A. C. V. (Org.). *Histórias de vida e formação de professores*. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2008.

VASCONCELOS, L. M; FIALHO, L. M. F; MACHADO, C. J. S. Educação, gênero e higienismo nos anúncios publicitários da Paraíba durante a Primeira República. *Cadernos de História da Educação (Online)*, Uberlândia, v. 16, p. 451-473, 2017. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/39598>>. Acesso em: 05 jul. 2013.

VEYNE, P. M. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 3 ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília (UNB), 1995.

VIDIGAL, L. *Os testemunhos orais na escola: história oral e projetos pedagógicos*. Lisboa: Edições Asa, 1996.

VILAS-BOAS, Sérgio. *Biografismo: reflexões sobre as escritas de vida*. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

THOMPSON, P. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

XAVIER, A. R. X. *Entrevista cedida em 29 de maio de 2017*. Fortaleza, Ceará, 2017.